

SOB FORÇAS PANDÊMICAS: DEFORMAÇÕES E METAMORFOSES

Ana Paula Vieceli
anavieceli@hotmail.com

Daniel Rodrigues Fernandes
drf.daniel@gmail.com

1. RESILIENS, ATO DO REBOTE

A física clássica nos ensina que todo material sólido, quando submetido a campos de forças ou momentos - sejam eles de tração, compressão, cisalhamento, torção ou flexão - tende a deformar-se. O tipo de deformação sofrido pelo material é uma função que leva em conta sua resistência mecânica, a intensidade das forças e momentos aplicados, o caminho da deformação, etc. No entanto cada material responde à maneira de sua própria natureza constitutiva, conforme suas propriedades mecânicas: alguns sucumbem às forças e rompem-se prontamente. Outros, possuem uma *capacidade plástica* de deformação, que permite ao material não se romper, ao custo de não retornar ao seu estado original, deformando-se permanentemente. Há ainda, em alguns materiais, uma *capacidade elástica* de deformação: é aquela em que, removidos os esforços atuantes sobre o corpo, ele volta a sua forma original.

A capacidade que o material tem em absorver e devolver energia no regime elástico de deformação é chamado de **resiliência**. O termo foi empregado pela primeira vez em 1807 quando o cientista inglês Thomas Young estudava a relação entre a tensão e a deformação de barras metálicas. O termo inglês *resilience* vem do latim *resiliens*, participio presente de *resilire* que significa "o ato do rebote, recuar", formado pelo prefixo *re* "para trás" e *salire* "pular, saltar". Em 1824, o termo adquiriu oficialmente o significado de "elasticidade", e em português, resiliência adotou o mesmo sentido.

2. FORÇAS E MOMENTOS PANDÊMICOS

Cinco meses se passaram desde a primeira morte por Covid19, registrada na China em 9 de janeiro de 2020. Essa nova doença, provocada por um vírus saltador de espécies animais, o Sars-CoV-2, se espalhou pelo mundo a bordo de nossos corpos que voam em

aviões, que se abraçam, que se beijam, que trocam fluidos e gotículas contaminadas por milhões de viriões cujas dimensões são da ordem do nanômetro. Um vírus que, no seu impulso por se multiplicar e perpetuar, tornou-se onipresente no planeta, ainda que tão invisível quanto certos deuses para olhos humanos. Hoje, somam-se 7 milhões de casos da doença no mundo, e mais de 400 mil mortos - números que avançam a cada dia.

Diante da alta taxa de transmissibilidade, de mortalidade, da ausência de tratamentos e vacinas, a "solução" temporária empregada foi o isolamento social. No mundo todo, fronteiras fechadas, vôos cancelados, aulas suspensas, trabalho remoto, suspensão da circulação pelas cidades, orientações para a higienização das mãos, uso de máscaras e uma grande mobilização para que as pessoas #fiquememcasa aconteceram paralelamente a um crescente movimento negacionista, o qual teve maior alcance e adesão em países como o nosso, onde os valores neoliberais encontraram eco em governos autoritários, cedendo à pressão para manter as atividades econômicas funcionando em detrimento de vidas.

Não bastasse a calamidade de uma pandemia viral, que por si só já coloca as pessoas frente a frente com a possibilidade da morte repentina, os brasileiros ainda enfrentam os desatinos de um presidente que explicita cotidianamente, além da sua incapacidade de liderança, a necropolítica que pretende pôr em curso (e, efetivamente, com o apoio de seus asseclas, põe).

Mas antes que se distinga essas duas forças, ou tensões sobrepostas, como sendo de naturezas diferentes, uma ecológica e outra política, é possível ver nelas os reflexos explícitos de um mesmo *modus operandi* global, como forças de tração e cisalhamento que o capitalismo predatório impõe sobre o planeta.

Muito se fala em retorno ao normal. A palavra do momento é resiliência e, como vimos, ela designa a capacidade de um corpo de voltar ao seu estado normal após ter sofrido uma tensão. Mas se foi justamente esse normal que nos trouxe a esta situação presente, nos perguntamos: quem diabos quer voltar para o "normal"?

3. DEFORMAÇÃO TRANSITÓRIA OU ELÁSTICA

Você não sabe a energia que reside no silêncio.

Franz Kafka

É certo que não somos vigas metálicas, não somos meras borrachas, mas somos corpos - físicos, mentais e espirituais e, enquanto corpos, também sofremos forças. A palavra resiliência, voltada para o comportamento humano, adquire o sentido de uma capacidade para lidar com problemas, uma capacidade de adaptação a mudanças, de superar obstáculos ou de resistir à pressão de situações adversas, sem se “romper”, ou seja, sem sucumbir a surto psicológico, emocional ou físico, por encontrar ou criar soluções estratégicas para enfrentar e superar adversidades. Encontramos, na definição de resiliência, que manter certa imunidade mental é a base para criar resiliência emocional. Imune, o indivíduo condicionaria a mente a tolerar os pensamentos assustadores e conseguiria, assim, se esquivar do sofrimento. No entanto, termos como *imunidade* e *esquiva* remetem a uma postura meramente reativa, muito similar ao negacionismo ou até mesmo a alienação que, justamente, impedem a invenção de soluções estratégicas, fundamental ao desenvolvimento de uma resiliência mais interessante. Essa resiliência entendida como “capacidade de recuperação após um golpe” demanda uma absorção de energia da própria tensão sofrida, o que requer não a completa imunização ou bloqueio da tensão, mas uma abertura à força sofrida.

A exemplo da resiliência dos materiais elásticos, não seria a imunidade, nem a capacidade de aguentar passivamente as pressões que resultaria em recuperação, mas sim a capacidade de absorção da força, que no interior do corpo se transforma para a sua posterior liberação. Adotar uma postura resiliente no interior de uma pandemia viral e política seria absorver energia da própria “tensão” que ela causa, para então liberar essa tensão em forma de energia transformada, não para um mero retorno ao normal, mas para uma *transformação* da força, do corpo e do mundo.

Não existe um material puramente elástico na natureza e há quem perceba que manter-se sempre igual a si mesmo não é sinal de saúde. Durar na vida sempre demandou mutações. A resiliência enquanto capacidade de manter-se o mesmo, ou de voltar à normalidade não é algo que nos interessa. Interessamo-nos, então, mais do que pela elasticidade, por uma certa plasticidade como modo de estar à altura dos acontecimentos.

4. DEFORMAÇÃO PERMANENTE OU PLÁSTICA

Tudo que dura, dura porque muda.

Henry Bergson

Plasticidade é a propriedade de um corpo mudar de forma. Ao invés de pensarmos a resiliência apenas como um comportamento elástico que nos possibilitará, ao fim e ao cabo, apenas um retorno ao normal, nos ocupamos com o pensamento de um comportamento plástico frente às forças e os acontecimentos. Ainda no campo da física, a partir de uma perspectiva atômica, entendemos a deformação plástica como *quebra de ligações* com os átomos vizinhos originais e em seguida *formação de novas ligações* com novos átomos vizinhos: recomposição das forças que modelam a forma. Assim, ao contrário do que ocorre na deformação elástica, com a remoção da tensão, o corpo plástico é aquele *capaz de não retornar às suas posições originais*. Ele sofre a força e muda, molda-se feito argila e adquire uma nova forma, um novo corpo.

Pode-se dizer que a deformação plástica é passiva. Mas passividade aqui não se remete a inação ou a plena aceitação das conformações ditadas por um certo exterior. Passividade aqui é lida enquanto resultante de um *pathos*, de uma paixão, o que não é necessariamente cego submetimento, mas um acompanhamento das forças que compõem um contexto.

A "normalidade" na qual nos encontrávamos (e que nos trouxe até o momento pandêmico atual, com suas tragédias e modulações de resistência) pode bem ser caracterizada por certa *apatia*. *A-pathicos*, desapaixonados, nossos corpos circulavam e atuavam em meio às forças do mundo com certa indiferença que os despotencializavam frente à própria desgraça. A imagem supersaturada do mundo naturalizado, curvado ao limitante e invariável presente suplicante e crente na benevolência (ou, no máximo, piedosa indiferença) do deus mercado, impressa em nossas retinas já incapazes de a desver escorria e invadia mesmo nossas tentativas de escape. Os sonhos desse presente não vislumbravam futuros outros; mesmo de olhos fechados, esse eterno presente se afirmava inexorável, e tal catástrofe tornara-se não só aceitável, mas óbvia.

Eis que o próprio presente se atualiza em suas forças e se presentifica diferentemente, exigindo algo de invenção nossa para que possamos reinventá-lo. O mundo, em meio a crise trazida pela presença deste minúsculo morto-vivo, afirma-se vivente (e, como todo vivente, produtor de diferença), e exige de nós movimento. Os

olhos cansados seguem aquilo que aprenderam com a impressão prévia, e assustam-se quando a marca queimada na retina (aquela velha "normalidade" que não enxergávamos mais como velha, mas como eterna) começa a perder contornos, mas ainda embaralham a visão para qualquer coisa que não ela mesma. A vida do mundo nos exige vida também, e nossos corpos, desacostumados à paixão, não conseguem padecer desse movimento.

Existe aqui uma passividade corriqueira, de não se tomar por isso que agora se apresenta e esperar, sustentando hábitos, que a normalidade invariavelmente volte a se impor. Mas a passividade que aqui invocamos é outra. Afeita ao *pathos* do presente, não se preocupa com o protagonismo que move ações. Os corpos tomados de paixão, que acolhem a força afetiva da inaceitabilidade de um meio que gerou tensão, não requerem para si a assinatura em um movimento-obra que nos leve a algum lugar, qualquer que este o seja. É essa própria força que pede acolhimento, e os corpos viram meio para ela. Por suas capacidades plásticas, o corpo acolhe a paixão, e nisso se permite experimentar ser outro, sem pretensão de controle sobre a experiência. Passividade como abertura, disposição a acompanhar o movimento daquilo que se afirma e atualiza novas forças. Se alguma deformação é necessária, pode-se compor com ela. Plasticidade: poder ser ator das mudanças de seu padecer.

5. METAMORFOSE: TRÂNSITO DO VIVO

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto.

Franz Kafka.

Ao tratarmos aqui da plasticidade como uma transformação, damos um salto do mundo da física e nos aproximamos do mundo da biologia, já que estamos sempre tratando de *bio*, do vivo, das nossas vidas e das vidas no mundo, com as quais estamos entrelaçados, nunca isolados.

Tomemos o exemplo da lagarta que, antes de se tornar borboleta, fecha-se em um casulo. Nesse casulo há uma mesma vida partilhada, dividida por dois corpos. Estes dois corpos não têm nada em comum do ponto de vista anatômico. Habitam dois mundos completamente diferentes: o primeiro rasteja na Terra, em um mundo de chão, pedra e coisas em decomposição; o segundo voa. Pelo mecanismo da metamorfose, esses dois corpos incompatíveis pertencem à uma mesma vida.

Metamorfose é uma palavra que deriva do grego *metamórphosis*. Do prefixo *meta*, “que transcende, que muda”, e *morphos*, “a forma, o aspecto”. Metamorfose significa, em suma, assim como o comportamento plástico dos materiais, uma transformação. Em biologia, é a transformação pela qual passam alguns animais que, no decorrer do seu processo de desenvolvimento, resulta numa forma e numa estrutura completamente diferentes da inicial. Geralmente envolve uma transformação rápida e conspícua, mas também pode durar meses. Esta transformação é geralmente induzida por sinais ambientais como por exemplo luz, temperatura ou, no nosso caso, o isolamento social imposto por uma pandemia viral.

No fundo, é isso, a solidão: envolvermo-nos no casulo da nossa alma, fazermos-nos crisálida e aguardarmos a metamorfose, porque ela acaba sempre por chegar.

August Strindberg

No isolamento social, fechar-se numa clausura *protetiva e imune* chamando isso de resiliência é bem diferente de fechar-se num casulo, apesar de parecer igual¹. A transformação envolvida na metamorfose é o oposto da conservação envolvida na clausura da imunidade. Metamorfose é a luta de uma força ativa da vida que está, sem dúvida, em oposição a uma força reativa que busca apenas enclausurar-se para conservar-se, para manter-se igual a si mesma.

No Ciclo de Estudos Selvagem 2019² o filósofo Emanuele Coccia nos provoca a perceber que a metamorfose não ocorre apenas entre a lagarta e a borboleta, mas que há relação metamórfica entre todos os corpos vivos e a Terra.

Cada uma das espécies é um *patchwork* de peças coletadas de outras espécies. Na verdade, você não é realmente humano, você é

¹ Cabe ressaltar que a clausura imunitária não se refere necessariamente a estratégia pontual de proteção da sua vida e de composição com os outros na redução de velocidade de propagação do vírus através da estratégia de isolamento social. A vida, mesmo para abarcar mudanças, requer tempo. A clausura imunitária aqui se refere muito mais ao apego ao que se era e ao mundo previamente existente enquanto único modo de vida - e esse modo tem se mostrado sobremaneira naqueles que tentam afirmar na sustentação dos *hábitos da normalidade anterior* que tudo ainda será como antes. Essa clausura é mais experiencial do que espacial.

² Selvagem é um ciclo de estudos, idealizado pela editora Dantes, que articula correspondências entre conhecimentos indígenas, científicos, tradicionais, acadêmicos e de outras espécies. A mesa intitulada “Metamorfose” foi realizado em 13 de novembro de 2019 e contou com a presença de Emanuele Coccia, do pajé Dua Buse e a ecóloga Katia Torres. A fala de Coccia pode ser acessada aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=HAA5_BsDYU>.

multiespecífico, você é um pouco bacteriano, um pouco viral, um pouco simiesco, um pouco peixe. Cada um de vocês é um zoológico ambulante de um ponto de vista anatômico e genético. Então nossa vida, já é uma vida plural, muito plural. Nós, as espécies vivas, nunca deixaremos de trocar peças, linhas, órgãos, e o que cada um de nós é, a que chamamos de "espécie", é apenas o conjunto de técnicas que cada ser vivo emprestou aos outros. [...]

As espécies não são substâncias e nem entidades reais. São "jogos de vida"... Configurações instáveis e necessariamente efêmeras de uma vida que gosta de transitar e circular de uma forma para outra.

Todo ser vivo não está apenas em continuidade com o não-vivo, mas é seu prolongamento, sendo a metamorfose sua expressão mais extrema.

A vida é sempre a reencarnação do não-vivo, o remendo do mineral, o carnaval de uma substância terrestre, o carnaval de um planeta, - Gaia, a Terra -, que não deixa de multiplicar seus rostos e modos de ser na menor partícula de seu corpo díspar.

A vida vai de corpo em corpo, de espécie em espécie, sem nunca estar plenamente satisfeita com a forma na qual encontra-se.

Metamorfose é o processo de trânsito próprio do vivo *e da vida* para continuar jogando com seu meio. Modo de compor com as forças que nos condicionam e compõem. Metamorfose é, aqui, igualmente uma pista operativa para qualificar uma noção de resiliência que aposte na composição com as forças que conformam o mundo que habitamos e para estar à altura do que nos acontece.

Pois o mais importante na metamorfose não é que a lagarta se recolha no casulo, mas o trânsito que ali ocorre para que uma vida outra, com novas possibilidades de conexão com a(s) vida(s), emerja.

Assim, enquanto nos fazemos crisálida e aguardarmos a metamorfose, que vida ensaiamos para quando da ruptura do casulo pandêmico presente?